

NASCIMENTO, Aires A.

*Os antigos códices de Lorvão: balanço de pesquisa e recuperação de tradições*

Penacova: Município de Penacova, D.L. 2016. 60, [1] p. ISBN: 978-972-99628-6-8

CATARINA FERNANDES BARREIRA

O livro, editado em 2016 pelo Município de Penacova, insere-se nas celebrações do 1º aniversário da inscrição do *Beato do Lorvão* como pertencente à Memória do Mundo da Unesco. O *Beato do Lorvão* é um dos 33 testemunhos do *Comentário ao Apocalipse* do Beato de Liébana (ANTT, Lorvão 43), um códice datado de 1189 e pertencente ao Mosteiro do Lorvão.

A apresentação do livro ficou a cargo do Presidente da Câmara Municipal de Penacova, Humberto José Baptista Oliveira, enquanto o Prefácio foi da responsabilidade do autor, Aires Nascimento.

O livro recupera uma parte do que foi publicado pelo autor noutros locais, nomeadamente no *Ler contra o tempo*, obra publicada em 2012 pelo Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e que reúne, em dois volumes, um conjunto de textos escritos ao longo de três décadas. Dissemos que recupera uma parte, porque este livro, sobre os códices do Lorvão, traz informação nova, como se indica no título: constitui um balanço de pesquisas sobre um *corpus* que, pela sua importância cultural e de preservação de memória, mereceu nova análise e a integração de novos dados.

O livro estrutura-se em oito capítulos: após um capítulo introdutório, sobre o *scriptorium* lorvanense do século XII (de facto, Aires Nascimento situa-se sempre numa cronologia anterior à instalação da comunidade feminina), propõe, ao longo dos capítulos seguintes, um itinerário por um conjunto de códices, hoje repartidos entre três instituições culturais:

- *O Comentário ao Apocalipse*, por Beato de Liébana, datado de 1189 (ANTT, Lorvão 43);
- *O Livro das Aves*, de Hugo de Folieto, de 1183 (ANTT, Lorvão 5);
- *Vita et Miracula Sancti Thomae Cantuariensis*, datado de 1185 (integrado no Fundo de Alcobaça, na Biblioteca Nacional, com a cota Alc. 143);
- *Passionarium Hispanicum* (ANTT, Lorvão 16);
- *Compilatio Valeriana*, ms 2537 da Biblioteca Universitária de Salamanca (uma cópia do século XIV, mas que foi realizada a partir de um códice do Lorvão, como assim o atesta o seu cólofon).

O livro termina com uma síntese de conjunto sobre os códices analisados e o seu significado para a construção da memória do Mosteiro de Lorvão.

Começamos pelo primeiro capítulo, onde argumenta sobre a importância do “regresso a Lorvão” e aos seus códices: Aires Nascimento revisita, de forma breve, as questões relacionadas com a saída dos monges beneditinos do Lorvão e a instalação da comunidade cisterciense feminina. É no contexto dessa comunidade beneditina masculina, de tradição hispânica, que a produção destes códices deve ser compreendida, bem como a sua representatividade, entre uma tradição que se tenta preservar, mas, em paralelo, assimila o

---

que lhe vem de fora. Para realizar esta tarefa, o autor desenvolveu uma metodologia de trabalho que pretende a compreensão e a análise da materialidade codicológica, em articulação com o conteúdo textual, fundamentais para o entendimento da história desta instituição e mesmo da cultura portuguesa. Segundo Aires Nascimento, o Cartulário primitivo, *Liber Testamentorum coenobii Laurbanensis*, de inícios do século XII, reflete uma “larga prática de escrita”. Ora a análise paleográfica e codicológica aos códices confirma esta observação – são fruto de uma prática de escrita – mas que eliminou testemunhos mais antigos.

Em seguida, Aires Nascimento dedica dois capítulos ao *Comentário ao Apocalipse*, considerado um manuscrito emblemático pelas atenções que o mundo académico lhe tem dedicado, pelo interesse que continua a espoletar nos investigadores, nomeadamente em torno das suas iluminuras e, por fim, por estar inscrito no Registo Memória do Mundo da UNESCO. Faz um ponto da situação do códice lorvanense em relação aos outros testemunhos conhecidos do *Comentário* (um total de 33 códices), designadamente em relação ao conteúdo textual e à decoração iluminada. Sublinha que, apesar de todo o conhecimento em torno dos *Beatos*, há questões que permanecem em aberto. No caso do códice do Lorzão, o cólofon levanta algumas dúvidas, na rasura e no módulo da letra: Aires Nascimento chama a atenção para a necessidade de este cólofon ser submetido a uma reflectografia que possa elucidar sobre as camadas de escrita. O *Beato* lorvanense revela, na opinião do autor, e no que diz respeito à sua decoração iluminada, um certo arcaísmo, o que evoca a proximidade com modelos mais antigos. Poderá a especificidade da sua paleta de cores estar de acordo com o exemplar que lhe serviu de modelo (talvez um arquétipo da viragem do século X), o que, por sua vez, responderia a uma tradição que Lorzão pretende preservar? Aires Nascimento responde, argumentando que a cópia do *Beato* do Lorzão se justifica através dos interesses da comunidade, interesses de leitura, mas também interesses em preservar a memória e as tradições, num momento particular, de contestação ao mosteiro por parte de autoridades seculares e eclesásticas, como o autor menciona no primeiro capítulo.

Em relação ao seu uso, ao tempo das monjas cistercienses, algumas notas parecem sugerir que era lido no refeitório. Mas, no que diz respeito ao período anterior à instalação da comunidade feminina, o autor sugere que este códice, em contexto com o *Passionarium Hispanicum* e o *Liber Comicum* e no âmbito da liturgia hispânica, talvez tivesse sido usado para leitura litúrgica. Termina aludindo novamente ao cólofon do códice – quer este, quer o copista, revelam um tipo de cultura que, embora dependa de um modelo, interpela o leitor (para que lhe desculpe alguma falha na transcrição).

O quarto capítulo é dedicado ao *Livro das Aves* do Lorzão, onde Aires Nascimento o compara, do ponto de vista do conteúdo textual, com os códices homólogos de Sta. Maria de Alcobaça e de Sta. Cruz de Coimbra, problematizando as opções tomadas por cada mosteiro, todas distintas, na “arrumação material” dos vários testemunhos e que, por isso, adquirem significados distintos. No caso do códice do Lorzão, o *Livro das Aves* está associado a um parágrafo de Sto. Isidoro sobre a águia e um capítulo do *Hexameron* de Sto. Ambrósio, o que, segundo o autor “deixa em aberto sugestões de leitura”.

De seguida, temos um capítulo sobre a *Vita et Miracula* de S. Tomás da Cantuária, um códice feito no *scriptorium* lorvanense, mas que se encontra no Fundo de Alcobaça, na Biblioteca Nacional, com a cota Alc. 143, como mencionámos ao início. Segundo Anne J.

Duggan, este códice é um dos testemunhos mais antigos dos *Miracula S. Thomae Cantuariensis*, e contém a versão da *Passio* do santo, cujas lições evocam um ofício catedralício e não monástico, dois factos que só por si dão a este manuscrito lorvanense uma importância significativa. Por fim, este códice tem uma epístola enviada por Tomás da Cantuária ao cardeal Jacinto Bobone, da qual não se conhecem outros testemunhos. Para Aires Nascimento, o conteúdo do códice projeta Lorvão para lá das suas fronteiras e diz respeito a um contexto em que o mosteiro lorvanense tem disponíveis: o testemunho primitivo da *Passio* de Tomás da Cantuária, um conjunto de *Milagres* do santo e uma carta de Tomás da Cantuária para o cardeal Bobone. Daqui deduz Aires Nascimento que Lorvão tem, nesta altura, contactos estreitos com alguém que recebia estes textos na sua origem, nomeadamente no que diz respeito à carta. E questiona, de forma pertinente, se Lorvão teve ou não alguma responsabilidade noutras manifestações culturais ao mártir da Cantuária.

O sexto capítulo é dedicado a um códice erradamente designado por *Martirologio*, mas que é um *Passionarium*, um tipo de livro que, do ponto de vista litúrgico, precedeu o *Legendário*. Depois de uma breve análise codicológica, Aires Nascimento menciona que parte do processo de construção deste códice é recuperável a partir dos elementos disponíveis: neste caso, a iluminura foi feita antes do texto e só depois da redação do texto se procedeu à cópia das rubricas. Em relação à encadernação, apesar de se ter substituído a encadernação primitiva, as primeiras costuras dos nervos permaneceram. O elemento que liga este *Passionarium* de finais do século XII ao Mosteiro do Lorvão é uma nota, mais recente, no fl. 154, embora o autor se incline a pensar que não existem indícios que contrariem a ideia de que este códice não teve origem no local onde se conserva. Aires Nascimento aproxima a decoração iluminada do *Passionarium* de um *Liber Commicum* (1139) que pertenceu a Sta. Cruz de Coimbra (Porto, BPM, Sta. Cruz 4): poderão estas semelhanças apontar para um *scriptorium* de origem comum, uma vez que para a singularidade da iluminura do *Liber Commicum* pode indicar uma origem que não crúzia? A confirmar-se esta origem comum, e a partir das afinidades entre os dois manuscritos, sendo que o *Liber Commicum* está datado de 1139, Aires Nascimento coloca a hipótese do *Passionarium* datar de 1140 ou de cronologia muito próxima. Nascimento acrescenta ainda, na aproximação dos dois códices, dados ligados ao tipo de escrita e sublinha que o *Passionarium* (e também o *Liber Commicum*) são fruto de um *scriptorium* bem organizado, com vários agentes ligados à produção do livro – iluminadores, copistas e rubricadores com experiência.

Aires Nascimento dedica o capítulo seguinte a um códice hoje conservado em Salamanca mas que teve decerto a sua origem mais remota num códice outrora produzido no mosteiro de Lorvão. Na Biblioteca Universitária de Salamanca, encontra-se uma *Compilatio Valeriana*, um conjunto de textos hagiográficos da autoria de Valério Bierzo, com a cota ms 2537, um códice copiado talvez no século XIV mas com um cólofon, que foi mantido, que se reporta ao livro que lhe serviu de modelo. O referido cólofon, transcrito por Aires Nascimento a partir das propostas de M.C. Díaz y Díaz e de José Carlos Martín, é longo e elaborado, não imediatamente acessível e por isso Nascimento apresenta a sua proposta de tradução e apresenta as principais ideias nele contidas. Assim, e em resumo, o cólofon indica que o códice foi mandado copiar pelo abade Pedro, do Mosteiro de S. Mamede, no ano em que o abade inicia o seu abaciado, em 1143; este códice integra-se na tradição cultural hispânica, apesar de haver assumido um novo tipo de letra – letra francesa –, o que constitui

---

um indício que estamos perante um *scriptorium* que se encontrava em fase de transição no que diz respeito à escrita, num contexto entre tradição e modernidade. Assim, ao tempo de cópia do códice do Lorrvão que serviu de modelo a este (informação transmitida pelo colofon deste exemplar, por ele copiado dois séculos depois), Lorrvão também copia o *Passionarium Hispânico* (ca. de 1140) e o *Liber Commicum* (1139).

Como mencionámos, o livro termina com um capítulo síntese sobre a memória de Lorrvão, onde o autor faz uma análise em contexto da produção do *scriptorium* lorrvãense no século XII, da circulação dos códices e do seu uso. Esta síntese fornece ao leitor uma perspectiva renovada sobre a importância cultural do mosteiro: uma comunidade monástica bem organizada, cujo *scriptorium* responde aos interesses culturais dos monges e que recolhe à sua biblioteca textos importantes, quer na continuidade com a tradição anterior, nomeadamente a hispânica, como o *Passionarium* (e o *Liber Commicum*), e também o *Beato*, quer na inovação, através da cópia de textos recentes, como a *Vita et Miracula* de Tomás da Cantuária e o *De Avibus*, de Hugo de Folieto. Por outro lado, Lorrvão empresta códices a outros mosteiros (Sta. Maria de Alcobaça e Sta. Cruz de Coimbra), empréstimos que provavelmente estiveram na origem do descaminho da obra *Compilatio Valeriana*, mas que atestam contactos próximos com outras instituições com responsabilidades culturais. O *scriptorium* lorrvãense teve assim dois momentos muito significativos, a partir dos testemunhos sobreviventes: em torno de 1140, na continuidade com a tradição hispânica, e um pouco mais tarde, entre 1180 e 1189, mantendo, por um lado, a tradição (*Comentário ao Apocalipse*, por Beato de Liébana, e o *Comentário aos Salmos*, de Sto. Agostinho) e, por outro lado, assimila novidades (*Vita et Miracula* e *De Avibus*). Dito de outro modo, Lorrvão tem um *scriptorium* ao serviço da comunidade onde o respeito pela tradição se coaduna com a abertura a textos recentes, portadores de uma maior inovação. Aires Nascimento refere que estas perspetivas confirmam Lorrvão como um centro com contactos privilegiados com outras instituições de cultura e, em simultâneo, caracterizado por “uma cultura do livro muito elaborada”.

Este estudo constitui uma abordagem sólida e fundamentada sobre o *scriptorium* do Mosteiro do Lorrvão antes da instalação da comunidade cisterciense feminina. Através do estudo do projeto atrás de cada livro e da relação que cada um estabelece com os outros códices, da contextualização na vida da comunidade lorrvãense e dos seus interesses culturais e, por fim, nos contactos com outras instituições, Aires Nascimento traça o perfil desta comunidade textual e o seu papel na cultura portuguesa.

Em suma, a síntese proposta por Aires Nascimento constitui uma abordagem sólida e consolidada, fruto amadurecido de um dos mais importantes investigadores portugueses e amplo conhecedor dos *scriptoria* monásticos medievais, das suas dinâmicas e características, da sua importância cultural e vitalidade. O tema continua, aliás, florescente entre nós, com novos contributos, cruzando inclusive distintas disciplinas, que importa confrontar com esta investigação em ordem a ampliar as problemáticas envolvidas, precisar cronologias e relações entre os manuscritos. O livro de Aires Nascimento constitui assim uma base segura para a continuidade da investigação nestes temas. E, como toda a obra científica, a começar pela dos grandes mestres, tornar-se-á fecunda ao propor novos caminhos, novas abordagens e perspetivas, que permitam continuar a ir mais longe, nomeadamente através da integração de contributos bibliográficos mais recentes sobre os códices lorrvãenses.